

História de Campinas

PARANHOS DE SIQUEIRA

A História sempre me pareceu um labirinto, como aquele de Creta, dentro do qual o historiador, por mais percuciente que seja, tem que se mover orientado por aquele fio que Ariádne deu, às escondidas, a Teseu, e com o auxílio do qual pôde ele fugir ao Minotauro da lenda.

Esse fio tão precioso é representado, para o pesquisador, pela legitimidade das fontes de pesquisa e, mais do que isso, pela fidelidade dos documentos consultados. Sem isso é impossível fazer história.

Celso Maria de Mello Pupo, que é um dos pensamentos realmente verticais da Academia Campinense de Letras, deu, há pouco, com seu livro "Campinas, seu Bêrço e Juventude", à biblioteca nacional um dos mais leais e positivos esforços para levantamento definitivo do edifício mental da História de Campinas, cuja imponência se lega às gerações futuras como um verdadeiro patrimônio do passado.

Espírito alto, caldeado ao calor de uma cultura adquirida na paciência ingênita do tempo, sem as pressas da última hora e, portanto, com o cuidado do método e a disciplina do gosto — Mello Pupo passou, como um faiscador obstinado, larga parte da sua vida penosa e difícil, sondando, por conta própria, e sozinho, o leito profundo e revólto do rio histórico da terra de Barreto Leme. Lavou, nas bateias luminosas da consciência cabocla e honesta que Deus lhe deu, todo o cascalho daí recolhido. Separou o que era bom do que era mau, o que era verdadeiro do que era falso. Imprimiu à sobre o brilho da sua alma estética, o equilíbrio do seu pensamento a prumo. E ofereceu ao penhor do juízo brasileiro um novo monumento, calcado em alicerces mais fundos e subsistentes, da discutida e, por vezes, contraditada História de Campinas.

Para sedimentar essa obra, que se estende a 278 páginas, ele não deixou nada para trás. Compulsou, anos e anos, aqui e alhures, os documentos de mais penoso acesso. Consagrou longas noites de vigília à cata de um dado, ao ajuste de uma data, à configuração genealógica de um nome, à busca de um marco — ao encontro, enfim, do fio de Ariádne, que o pudesse trazer, pelos caminhos da probidade mental, às clareiras da verdade histórica a que se propunha chegar.

Não há em todo o livro uma afirmativa perentória que não se baseie em documentação indiscutível. Tudo ali se realça pelo itinerário retilíneo do pensamento aliado ao contexto das provas fundamentais. O autor conclui e relata — não saca, não supõe, nem imagina. E esse aspecto de asseio espiritual, de honestidade pessoal, empresta à sua obra uma clareza meridiana; e faz dela, antes de um compêndio de história, uma página de atilada finura literária, de apurado sentido linguístico. Porque Celso Maria de Mello Pupo não é apenas o escafandrista da história, mas, acima de tudo, o intelectual perfeito, que maneja a língua com a segurança de um mestre e com a serenidade de um espírito inegavelmente privilegiado.

Li o seu livro de um fôlego. E eu — modéstia à parte — educado na leitura dos gênios que me enfeitaram a mocidade sonhadora e que, ainda hoje, me encantam a maturidade experiente — eu exijo para ler. E devo confessar que, lendo, com exigência, nada tive a reparar no livro sólido e, ao mesmo tempo, ameno e ventilado de Celso Maria de Mello Pupo. É uma obra que consagra, não somente o autor, como homem de visão e de talento, mas, sobretudo, as letras de Campinas, de São Paulo e do Brasil.

Como tudo, a literatura, no desdobrar de todos os seus gêneros, vem passando por uma grande transformação, no país. Mas, é preciso que se diga, transformação para pior. E isso de tal maneira, que a gente fica espantada com as agressões até mesmo propositais que se fazem à língua — desde o jornal, que exprime o pensamento de cada dia, ao livro, que é a vivenda e o tûmulo dos grandes pensadores.

Cada qual quer ser mais excêntrico e original. E, para ser original e excêntrico, cada qual procura escrever pior, com maior cópia de besteiras — o que vai, como é natural, empobrecendo as letras pátrias. Comparada com a de ontem, a literatura nacional de hoje é uma verdadeira pândega...

Celso Maria de Mello Pupo é firme como historiador, como pensador, como jornalista, como escritor. O seu trabalho tem a seriedade das coisas meditadas, tem a compostura das consciências limpas e decentes. E, por isso mesmo, o recomenda ao respeito e à admiração da terra que exalta e do povo para o qual escreve.

Recomendando o seu livro à leitura principalmente da mocidade estudiosa de Campinas, responsável pelos destinos intelectuais de uma das mais lindas e cultas cidades de São Paulo — deixo, aqui, neste canto de página, o meu abraço de parabéns a Celso Maria de Mello Pupo pela obra magnífica que coloca, neste momento, nas estantes da biblioteca nacional.

E que atrás desta que venham outras.